

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL. POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600
Para o Brazil, por anno	2\$000
Para a Africa, por anno	1\$200
Numero avulso	30

Anunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUÁ
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Anuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20
Imposto do sello	10

Originacs sejam ou não publicados não se restituem.
Anuncios permanentes e communicados
preço conveniçonado.

CONSTITUCIONALISMO

E NÃO

Dictadura

Desde a eleição do Con-
selleiro Julio de Vilhena para
chefe do partido regenerador
produziu-se em todo o paiz um
movimento altamente signifi-
cativo, muito especialmente
desde que o illustre estadista
declarou, no seu organo officio-
so, o «Popular», que o dia 2
de janeiro proximo seria de
gala para Portugal, por se re-
abrirem as Cortes e terminar,
portanto, a actual dictadura...

Reconhecemos e comprehen-
demos que no actual movimen-
to ha muito mais que uma sim-
ples campanha partidaria; ha
a aspiração de um povo inte-
iro que deseja que se entre na
normalidade da vida constitu-
cional e que essa carta de al-
forria, conquistada á custa de
muito sangue e de muitos sa-
crificios de nossos paes, não
seja caprichosa e impulsiva-
mente calcada por quem devia
ser primeiro a respeitá-la.

Somos alheios a todo o par-
tidarismo, mas não aos gran-
des principios liberaes em que
está baseada a propria exis-
tencia da nação portugueza, e
é por isso que fervorosamente
acompanhamos o movimento
que se está operando e que ha
de forçosamente triumphar de
todas as resistencias, porque,
mais alto do que as convenien-
cias partidarias falam os inte-
resses geraes do paiz, as suas
liberdades politicas e a sua
constante ambição de progredir
nos campos sem limites do
desenvolvimento da vida so-
cial, economica, instructiva,
moral e intellectual.

Chegamos a um periodo da
nossa existencia collectiva, em
que se torna na realidade ne-
cessario reivindicar o que nos
foi legado pelos homens de
1820, pelos gloriosos soldados
das campanhas liberaes, pelos
que em 1846 luctaram ainda
pelas regalias populares e em

1851 fecharam o cyclo das
grandes revoluções, proclamando
no Porto a Carta Constitu-
cional com as reformas que a
experiencia tinha demonstrado
ser necessarias, abrindo assim
uma nova era, propicia a ou-
tras reformas e a outras con-
quistas liberaes.

Depois d'isso são passados
56 annos, mais de meio secu-
lo, e n'este longo periodo fo-
ram-se delindo da memoria as
grandiosas luctas dos nossos
maiores, a ponto da geração
prê-sente fallar d'esses aconte-
cimentos, mas vibrantes de
energias como de um passado
que poucas raizes deixou na
alma portugueza. Pois deixou
e muitas, confio o está demons-
trando esse despertar geral,
esse movimento que arrasta
consigo todos os bons espiri-
tos liberaes e que está reuni-
do em redôr da bandeira que
desfraldou a nação inteira.

E' que, por muito que se so-
phisme, por muito que se quei-
ra negar á evidencia, o povo
portuguez é essencialmente li-
beral. Querer fazel-o retroceder
aos tempos ominozos do
arbitrio, do capricho, da per-
seguição, do absolutismo em
fim, é o mesmo que tentar o
impossivel.

Póde muito bem, nos pri-
meiros momentos, mostrar-se
como que indifferente ás reac-
ções contra a liberdade, mas
hoje, amanhã ou depois, quan-
do menos se esperar, levantar-
se-ha vehemente nos seus pro-
testos, forte nos seus direitos,
temeroso nas suas reivindica-
ções e então a reacção não dei-
xará de baquear, porque a tor-
rentes tão impetuosas não é
facil resistir.

O actual movimento é já
uma manifestação do estado de
espirito em que se acha todo o
paiz. Oxalá elle consiga e a
tempo que a prophesia do che-
fe do partido regenerador se
realise, isto é, que no dia 2 de
janeiro de 1908 seja de gala
para todo o o Portugal.

*Constitucionalismo e não dic-
tadura.*

São esses os nossos votos e
nem outros poderia haver, ao
tratar-se, não de questões par-
tidarias, mas das liberdades
publicas.

POLITICA

Por muito que se conjecture não
se chega á conclusão do que este
estado de coisas politicas dará.

O illustre chefe do partido pro-
gressista fez a terminante declara-
ção, que todos conhecem, de que o
seu partido nada aproveitaria da
obra dictatorial do sr. João Franco.

Os jornaes do governo disseram
baixezas contra esta declaração e
fizeram affirmações de que a situa-
ção tinha de conservar-se por largos
annos para solidificar a sua obra!

Agora vem o digno chefe do par-
tido regenerador declarar no seu or-
gão que o dia 2 de janeiro de 1908
será de gala nacional por se abrir o
parlamento n'esse dia.

Mas a esta prophesia respondem
os jornaes satiricistas com ironias e
doestos que chegam a enjoar.

E assim continúa o paiz á mercê
dos caprichinhos da Corôa e do go-
verno, não se conhecendo meio bran-
do de se fazerem entrar as coisas
nas praxes constitucionaes.

Oxalá que algum acontecimento
lamentavel não venha a pôr termo a
esta teimosia em conservar as coisas
no estado que a toda a gente desa-
grada!

Anniversario

O Ex.^{mo} Sr. D.^{or} João Ribeiro Dias
da Costa, meretissimo J.iz de Direi-
to n'esta Comarea, mandou rezar na
egreja matriz d'esta freguezia, no
dia 28 do mez proximo findo, uma
missa pelo eterno descanso da alma
do nosso sempre chorado e chorado
amigo D.^{or} Carlos Luiz Ferreira,
predileto sobrinho do nosso illustre
e bondoso amigo Ex.^{mo} D.^{or} Roberto
Augusto Feio de Carvalho, a quem
d'aqui offerecemos uma saudade pa-
ra juntar á corôa do seu desgosto.

A Redacção.

Procissão

Realison-se no domingo ultimo
pelas 10 horas da manhã a procis-
são que acompanhou á Capella de
S. Sebastião as Imagens que estive-
ram depositadas na igreja matriz até
á conclusão das obras d'aquella ca-
pella.

Todas as irmandades da freguezia
incorporaram na procissão, que foi
acompanhada pela nova philarmo-
nica d'esta Villa e por muito povo.

No recollher da procissão foi re-
zada uma missa pelo muito Rev.^o
Coadjuetor da freguezia Accurcio
d'Araujo Lacerda.

Fallecimento

Na semana proxima finda falleceu
em Pedogem Grande, o nosso cho-
rado e bom amigo Elias da Costa
Carvalho, digno Secretario da admi-
nistração d'aquelle concelho.

O findo foi sempre muito esti-
mado pelas suas bellas qualidades,
e em cada habitante da Villa e con-
celho deixou um amigo.

A toda a Ex.^{ma} Familia do falle-
cido apresentamos os nossos profun-
dos sentimentos pela irreparavel per-
da que acabam de soffrer.

Inverno

As chuvas continuam a causar os
maiores estragos.

A maior parte do milho creado
em terrenos baixos, ainda está por
seccar e assim será impossivel apro-
veital-os.

O anno que tão esperançoso se
nos apresentou, termina por nos dei-
xar em precarias circumstancias. Sem
azeite, sem milho etc.

As cheias tem causado estragos
extraordinarios. Ha predios comple-
tamente inutilizados.

As pequenas pontes que existiam
por esses logares do concelho, foi-se
tudo agua abaixo e isto vae sobrecar-
regar immensamente as despesas do
municipio, que já mal póde com as
ordinarias.

Cautela

Parece que na alta politica se es-
tá passando alguma coisa d'import-
tancia, que dá lugar a sustos!...

O governo não abandona o poder
sem que lhe seja approvada a sua
obra dictatorial e, por isso, é melhor
deixal-o fazer o que elle quizer, pa-
ra se evitar algum acontecimento
que nos encha de consternação.

O sr. João Franco é muito temo-
so e contrariado não vae para parte
alguma!

A nossa opinião é de que, os de-
putados e vereadores das Camaras
municipaes sejam despachados pelo
governo, dispensando do acto toda a
interferencia popular.

Sempre tenho ouvido dizer que
não é bom teimar com quem tem
mau genio.

A' ultima hora

Quando entrava no prélo o nosso jornal, chegou ao nosso conhecimento a dolorosa noticia de ter fallecido em Cantanhede o extremoso pae do Ex.^{mo} Sr. Dr. João Ribeiro Dias da Costa, Meretissimo Juiz n'esta Comarca.

A Sua Ex.^a e Sua Ex.^{ma} a Familia apresentamos a nossa condolencia.

Cras amet

Contam doze a quatorze annos ou talvez ainda menos.

E, lindos como os amores, trajam a Venus bregui a, pois que o ligeiro s'ndal ondula á mercê da aragem, prezo apenas entre os dois por um dos breves extremos que bem pouco ou nada vela do que, mesmo assaz velado, toda a gente adivinhava, ou do que os sylphos exhibem aos outros genios alados que, como elles innocentes, pairando aqui ou além, viajam pelos espaços—não nós, mas nos trajos d'Eva—sem mesmo darem por isso, para mais se confundirem com nossos primeiros paes.

Elle, como que sentado, mas entre o ceu e a terra—como outrora Absalão suspenso pelos cabellos—sobre as crystalinas azas que aos dois sustentam no espaço, tem n'a ella escarranchada sobre a farta côxa esquerda, velando-lhe com a dextera o que a aragem desvelára.

E ella, n'esta posição toda franqueza e candura, tão casta como innocente—reclinada como um atajo—voltando a cabeça um pouco, como o gorducho que imita, conserva os labios collados aos do seu Eros alado que dos d'ella os não descolla.

E n'esta encantadora posição tão natural entre os alados seres ethereos, passa-lhe ella o roligo braço direito em volta do pescoço, enquanto elle com o esquerdo a singe pela farta e bella cintura, conser-

vando a casta vela implame a mimosa sinistra sobre o coração, talvez como para affagal-o e, apesar d'ingenuo e paro, lhe sorrir: «Não baltas!»

—Mas—perguntará o leitor ao ver a pequena e mal engendrada descripção que para ali fica—que é isto, o que quer isto dizer?

—Eu lh'o digo: É a descripção da bella «fainça» d'um prato antigo que a «Encyclopedia das Familias» nos dá no seu numero 169 de 1901 a pag. 41. descripção que em vão tentei fazer, como o leitor—ao velar—poderá verificar.

Mede este bello prato um decimetro de fundo, tendo na volta da aba, ou como lhe queiram chamar, um simples ramado florido, e no fundo—em torno das castas creanças enlaçadas—esta conceituosa legenda: «Cras amet qui nunquam amavit.» «Amatlan ama quem nunca amou.»

E ama ou amará: porque nem a mythica exhibição do casto beijo innocente dos dois innocios amantes seria mais excitante!

—Commentando a bellissima «fainça», apenas repetirei o que muita gente ha dicto: isto é, que «ambos os extremos são viciozos e maus».

Mas, como «do mal o menos», terminarei por dizer que, antes Babel que Sodoma.

A. d'Almeida.

Contra a policia

Um dos muttissimos reclamantes de «direitos a auferir, sem deveres a cumprir, referindo-se ao serviço da policia de Lisboa, diz—além de muitas otras cosas más—na floencia do seu estro liberal, que é preciso fazer-lhe saber:

«Que o chanfalho reluzente
«Que tanta figure faz,
«Se não fez p'ra matar gente.,
«Mas p'ra garantir a paz.»

—Está muito bem, senhor critico. Pero, na nossa humilde opinião, deveria ter acrescentado, em harmonia com a boa razão:

Boas tardes, Maria; boas tardes, Roza.

D'este modo já mais se poderiam equivocar.

Mas o que mais admirava era que o Gervasio, um rapaz que frequentava a casa das duas irmãs e que sentia por ellas o mais profundo affecto, se enganasse, distinguindo-as apenas aos domingos pelos laços com que enfeitavam os vestidos, côr de roza os de Maria e azues os de Roza.

Ér um companheiro d'infancia que as duas orphãs tratavam como tal, passando os serões alegremente, pois não havia ninguém como Gervasio para incutir alegria a um serão, para contar historias e contos de fazer rir a bandeiras despregadas.

Excelente cultivador, applicado ao trabalho, Gervasio era o braço direito do pae ajudando-o na grande faina da lavoura da casa.

Gostava de passar o tempo de folga com as orphãs, porque estas, além de bonitas, com alguns meios de fortuna, acolhiam-o sempre com o melhor agrado. Não desejava senão uma das gêmeas, não as duas, diga-se já para descanço da consciencia, mas qual d'ellas? Desde que o olhar confundia uma e outra, não era para es tranhar que o coração se mostrasse perplexo.

E era precisamente esta perplexidade que o fazia soffrer. Mentalmente bem podia dizer:

E para que esta não falhe
E' preciso respeitá-lo:
Que o povo o não abandalle
Para não ter... que proval-o.

Mas era final que—por educativonão convinha.

Améida.

GAZETILHA

Ha quem diga que o João
Está seguro a valer,
Que só p'la revolução
Cahirá... se não vencer...

Tudo «blagues», apostilhas
Para criar dissensões,
Porque elle, em vez de guerrilhas,
Só quer vencer... eleições.

Se as vence, teremos Carta,
Se as perde, Carta teremos:
Logo, liberdade á farta,
Que é tudo quanto queremos.

E aqui não haverá falha,
Porque os grandes liberaes
São já tantos na batalha
Como os grandes generaes!

Calino.

SECÇÃO ALEGRE

BAGATÉLAS

Roberto da Costa se chamava um elegante rapaz de fina educação e de familia illustre, a quem os revezes da vida tinha reduzido ao parco rendimento d'umas inscripções, que lhe haviam sido doadas por uma dedicada parenta.

Todos viam em Roberto um bello rapaz cheio d'attractivos que muito captivavam a estima de toda a gente; mas nada conseguia o pobre rapaz para augmento dos seus teres.

Um dia pensou em que, uma ida ao Brazil, é a procura d'um parente que diziam ter grande fortuna, mas de quem não havia noticias ha muitos annos. Lhe poderia trazer o bem estar que elle ambicionava!

Mas a lembrança de deixar sua irmã Helena, que elle adorava como a luz dos seus olhos, fazia-o perder tal ideia.

E' esta que amo, que pretendo e com quem hei de casar; mas quando que li fixar decididamente a escolha, as hesitações tornavam-o, a ponto de se sentir febril e preoccupado.

N'esta perplexidade foi passando o tempo, até que lhe tocou a sorte para soldado. O pae bem o quiz remir, mas Gervasio declarou que por modo algum admittia que, por causa d'elle fosse a casa desfalcada; que sentaria praça e que dous ou tres annos de serviço passariam de pressa. Não lhe repugnava ser soldado, cousa rara entre os rapazes d'aldeia, os quaes em geral experimentam o maior horror pela vida militar.

Apezar dos rogos e dos sacrificios a que o pae estava disposto, Gervasio preparou-se para—agar o chamado tributo de sangue. Mas antes d'ir sentar praça, desejava levar o coração completamente tranquillo com respeito ao affecto que sentia. Qual das irmãs devia proferir, Maria ou Roza?

O pobre Gervasio bem torturou o cerebro para sabir d'aquella difficuldade, para encontrar uma solução. Mas como fixar a escolha entre duas gêmeas, cujas phisionomias, character e encantos eram identicos? Perante qualidades equivalentes como dar preferencia a esta ou aquella?

Fatigado de tanto pensar, profundamente contrariado, o pobre rapaz resolveu confessar francamente a sua

Um dia em que elle e Helena lamentavam a sua falta de recursos, disse Roberto:

Tenho-me lembrado ir ao Brazil procurar o nosso tio Jacintho, que decerto nos dispensaria protecção conhecendo as nossas circumstancias! Mas não devo pensar em tal visto que, não tenho coragem para te abandonar; de mais não tendo uma unica pessoa de familia a quem te entregue.

Dos olhos de Helena brotaram duas grossas lagrimas, nascidas do coração, que lhe escaudaram as faces, e depois d'alguns soluços, que obrigaram Roberto a chorar, disse:

Querido irmão! Não desistas da tua ideia por minha causa, porque eu entrarei de boa vontade em um convento da tua escolha, e alli permaneceréi até que tu regreses.

E se eu lá morrer, disse Roberto? Deus que é tão Justo não ha de querer que eu soffra tão grande desgraça, disse Helena.

Os dois irmãos abraçaram-se e cada um pelo seu lado limpou as lagrimas que lhe deslisaram pelas faces.

Decorreram algumas semanas sem que os dois irmãos mais fallassem sobre o assumpto.

Em uma linda manhã de primavera, quando Helena assentada á janella do seu modesto quarto, escutava com tristeza as melodias do raxinol, que cantava sobre a ramalha do visinho, sentiu a mão amiga do bom Roberto pouzar-lhe no hombro e ao mesmo tempo que os seus labios beijavam a sua face.

Helena erguendo-se e abraçando-o notou que nos olhos de Roberto havia humidade de lagrimas a custe de contillas e disse-lhe: Que tens Roberto? Nada minha boa Helena! Venho pedir-te que arranjes as malas para partirmos.

Helena occultando a tristeza que lhe ia n'alma, foi logo preparar todo e no dia seguinte entrava ella no convento e Roberto em o navio que o havia de transportar ao Brazil.

Passaram se cinco annos sem que a pobre Helena mais soubesse do

perplexidade as duas irmãs, expondo-lhe ao mesmo tempo os seus sentimentos, dizendo-lhe que amava ambas, que não queria ir sentar praça sem levar a palavra d'uma d'ellas.

As duas gêmeas escutaram Gervasio silenciosamente, sem manifestar o menor assombro. O coração havia-lhes feito presentir aquella confissão, antes que os labios do rapaz a formulassem.

Após alguns instantes de reflexão uma das irmãs, Roza, d'clarou, tendo um sorriso travesso nos labios:

Parece-me que a escolha não pôde ser difficil.

Como?—exclamou Gervasio.

Tirando nos á sorte,—respondeu Roza, cujo rosto se ruborisou, como signal da perturbação que lhe ia na alma.

A solução na verdade não podia ser mais simples, murmurou Gervasio.

A sorte designou Maria.

Foi justa a sorte disse Roza, com meigo affecto paternal.—Nascestes primeiro e és a mais velha por tanto.

E beijou a irmã com o mais intenso carinho.

Se tivesse de sacrificar a vida por ella não hesitaria um só instante.

E' o laço côr de roza mormurou Gervasio, ao despedir se das gêmeas, como que para gravar na memoria a escolha designada pela sorte.

(Conclue).

FOLHETIM

GEMÉAS

Uma chamava-se Maria e a outra Roza. Sabiam perfeitamente os seus nomes, mas os visinhos, todos quantos as conheciam é que não eram capazes de as distinguir, tão parecidas eram em tudo, tornando-se por isso difficil reconhecer as pelo nome que a cada uma foi dado na pia do baptismo.

Era realmente uma semelhança extraordinaria, excepcional. Ainda que se percorressem todos os continentes, transpuzessem todas as fronteiras, visitassem todos os países, com certeza que não se encontrariam duas gêmeas tão semelhantes. Era a mesma estatura, a mesma tez e o mesmo ademan. Eram os mesmos cabellos pretos como azeviche, as mesmas feições e os mesmos olhos rasgados, vivos e intelligentes. Tinham o andar identico e até a propria voz parecia o ecco uma da outra. Tudo se confundia e se identificava em uma semelhança e harmonia de tons assombrosamente perfeitos.

Quando algu n visinho passava por ellas contentava se em cumprimental-as com a vaga saudação de:

Bons dias, meninas!

Ou:

seu bom Roberto, ausencia que lhe havia causado as mais vivas saudades e os mais dolorosos desgostos.

Estava-se no mez de maio, mez em que nos conventos se faziam os costumes terços á Virgem Maria, acto em que Helena nunca se esquecia de pedir por seu irmão.

Mal acabava o terço Helena voltava á sua cella a continuar nas suas orações até que fosse chamada para algum serviço do convento.

Em um dos dias em que ella se achava ainda no côro, veio a correspondencia do correio que foi distribuida por todas as cellas das recolhidas.

Helena entrando no quarto viu sobre a pequena mesa uma carta que julgou ser d'uma companheira do Collegio com quem se correspondia e, por isso, não teve interesse em a abrir logo. Mas assim que mudou de manto meteu a carta no bolso e foi para a Cerca passear. Alli abriu a carta e leu:

Prepara o teu espirito para me abraçares. Roberto.

Helena não sabia que juizo devia fazer do contendo da carta, visto que a letra em nada se parecia com a de seu irmão. Porém o coração adivinhava-lhe qualquer coisa d'extraordinario.

Recolhendo á cella, começou inconscientemente e movida por uma força sobrenatural, a emmalhar todo o seu fato.

Momentos depois annunciava-lhe a porteira que no vestibulo d'entrada do Convento estava um cavalheiro que a procurava.

Helena, sem reflectir, foi procurar a Commendadora, para a acompanhar á presença do homem que a procurava, sem que já se lembrasse da carta que havia recebido.

A Commendadora collocando Helena ao seu lado esquerdo, levou-a pelo braço até á sala aonde se achava o annunciado. Quando transpuz a hombieira da porta, Helena correu doidamente para os braços de seu irmão Roberto, que depois de mil caricias lhe entregou o testamento em que seu tio Jacintho lhe legára 500 contos de reis em moeda forte.

No convento acenderam-se velas em todos os altares em Acção de Graças á Virgem Maria, pelo apparecimento do irmão de Helena e todas as recolhidas foram apresentar enprimmentos ao recém-chegado, o qual as recebeu com profundo reconhecimento pelo bem que trataram a boa Helena.

Depois de sandosas despedidas e agradecimentos foi Helena ajoelhar junto do altar da Virgem, acto em que foi acompanhada por todas as recolhidas e Commendadora, aonde estiveram a orar por bastante tempo, depois do que, todas acompanharam Helena ao portão aonde lhe deram o último beijo de despedida e receberam palavras de eterna gratidão de Roberto, que n'este acto entregou á Commendadora um envelope com 20 contos de reis em notas para subsidio ás recolhidas pobres.

AMA

Precisa-se de leite novo. Dão-se informações n'esta redacção.

SECÇÃO RECREATIVA

Ao illustre charadista senhor Maga & Tacos

Logogripho

1—Na cidade oriental 1.5.8.4 Este appellido verás. 10.2 E no felino animal 3.7.6.9 Planta e buchas acharás.

L. Malheiros.

2—É indispensavel no thema a cidade, homem—apparentes 1.1.1. reaes 1.1.

A. d'Almeida.

Ao Exm. Director de “O Figueirense”

Em phrase

3—Temos nós este fructo que é generosa limonada—2.2.1. 4—O animal e o habito é instrumento—1.2. 5—Esta nota nota que a bebida é bolo—1.1.1.

Ao distincto charadista senhor Maga & Tacos

6—Sómente na gallinha ha esta pancada—1.2.

7—Este animal animal é bazofia—2.2.

8—Seja, por estar alegre na perra esta mulher—1.1.1.

A. C. Agria.

9—Esta flor não é má cidade—1.2.

10—A creença da bebida não é molhe na porta—1.1.2.

11—A seu favor logo está declaração—1.2.

Enigma

12— P S L V A V E E O L 2 1 3 1 1 2 1 2 1 2

Solcar.

13—Na carta o astro—lido ás vestas—é nome—2.

14— A A A A A R R A O L L O N L L N S L L S E L L E A J J A A A A A

E' confeccional-as como as dos quadros infra.

D'cifrações do n.º anterior

1---Italia, Dinamarca, França, Inglaterra, Hollanda, Grecia, Turquia, Austria, Portugal e Russia; 2---Neptuno, Baccho, Marte, Apollo, Thezeu, Minerva, Mercario Diana, Ceres, Jupiter, Saturno, Juno e Vesta; 3---Palmyra; 4---

R A U L A M A R A R R U M E L A U R R A A L E M L U A R R A M A

5---Malheiros; 6---Medeiros.

O sr. L. Malheiros decifrou os n.º 1, 3, 4 e 5. O sr. Solcar de 1 a 6: isto é, todos. Pelo que o cumprimentamos. E o sr. Medeiros o n.º 4.

Emendando

— Devido a uma inesperada viagem do sr. typographo—unico na officina—sahiram os n.º 1 e 2 assignados pelo sr. P. Braz Medeiros, em vez de pelo seu auctor sr. Maga

& Tacos, que igualmente o era dos n.º 5 e 6, tendo ainda n'este ultimo sabido «entre-lui» por «entregrei», e no n.º 3 «amadeu» por «Amadeu».

Palavras anacyclicas

—Aos curiosos—

Eon—Noé. Era—Are. Erra—Arre. Essa—Asse. Essen—Nesse. Eta—Até. Etna—Ante. Eton—Note. Evan—Nave. Ibi—Ibi. Ica—Aci. Iria—Airi.

ANNUNCIOS

CASA GODINHO

SUCCESSOR

MANUEL G. SANTOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ARTIGOS D'INVEERNO

No vosso proprio interesse não deveis comprar artigos d'inverno sem ver o bello sortido que o proprietario d'esta acreditada casa está organisando e que está recebendo dia a dia, e os preços convidativos porque vende todo os seus artigos.

Sabdo em todas as fazendas de verão para dar logar ao sortido d'inverno.

Enorme sortido em tudo.

Enviem-se amostras gratis a quem se dignar pedi' as.

Brindes valiosos a todos os Ex.ºs Freguezes.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o Hotel Cunha pelo seu bom tratamento, boas accomodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario

João Pedro Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.



POLVORAS DO ESTADO

— VENDE —

Mmanuel G. Santos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam, Grande Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 reis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de seguros «Tagus».

José Manuel Godinho.

A EQUITATIVA

DOS

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a vida

SÉDE SOCIAL — RIO DE JANEIRO

Filial em Portugal

LARGO DE CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA

Direcção da Filial

PRESIDENTE — *Julio Marques de Vilhena*
 Conselheiro d'Estado — Governador do Banco de Portugal
 Par do reino — Ministro d'Estado Honorario

VICE-PRESIDENTE — *Cons. Dr. Manoel A. Moreira Junior*
 Ministro d'Estado Honorario
 Deputado da Nação — Lente da Escola Medica

DIRECTOR CONSULTOR — *Conselheiro Dr. Luiz G. dos Reis Torgal*
 Advogado — Deputado da Nação

DIRECTOR MEDICO — *Dr. Henrique Jardim Vilhena*

GERENTE — *M. A. Pinho e Silva*

Não hesiteis em realizar o vosso seguro de vida na — **Equitativa dos Estados Unidos do Brazil.**

As vantagens que a mesma Sociedade vos offerece são inexcediveis e o plano de *Seguros com sorteio semestral em dinheiro* constitue a ultima palavra em **SEGUROS DE VIDA**

SEGURO COM SORTEIO SEMESTRAL EM DINHEIRO
 UNICAMENTE ADOPTADO PELA

Equitativa dos E. U. do Brazil

Apolices sorteadas em Portugal até 15 de Outubro de 1906

20:180 — D. Amelia M. da Costa Barros — Porto	1:000\$000
20:070 — Dr. João Maria da Costa — Alpiarça...	1:000\$000
20:291 — Lino Joaquim d'Almeida Aguiar — Lisboa	1:000\$000
20:099 — José João Telhada — Santarem	1:000\$000
20:318 — D. Maria da Silva Catharino — Alpiarça	1:000\$000
20:230 — Dr. Antonio Cazar d'Almeida Rainha — Figueira da Foz	1:000\$000
20:755 — José Fernandes Rodrigues — Lisboa	1:000\$000
20:851 — Abilio de Mattos — Ponte de Lima	1:000\$000
20:613 — Joaquim C. Ivo de Carvalho — Lisboa	1:000\$000
20:581 — Manoel Ignacio d'Oliveira Amieiro — Lisboa	1:000\$000
21:094 — João da Silva Catharino — Alpiarça	1:000\$000
21:169 — Affonso Augusto Dias — Sabugal	1:000\$000
20:332 — José Rodrigues Ferreira Malva — Soure	1:000\$000
21:579 — José Martinho Rovisco Paes — Casa Branca	1:000\$000
21:435 — (Prov.º) Antonio Augusto Banha — Montemor o Novo	1:000\$000

A apolice n.º 20:180 de D. Amelia Marques da Costa Barros, foi novamente paga em virtude de sinistro, não interrompendo assim, o facto de ser sorteadas, a sua validade.

EM

PEDROGAM GRANDE

Grande deposito de
adubos chimicos

Aos revendedores fazem-se descontos

O Proprietario

Mannel Rodrigues

As Pupilas do Senhor Reitor

Romance de Julio Diniz

Condições da publicação:

Esta sumptuosissima edição consta de um volume abstrado com 30 magnificas agarelas a côres, originaes de Roque Gameiro, executadas por um novo processo completamente desconhecido em Portugal e 127 gravuras a preto, intercaladas no texto, e um soberbo retrato do auctor. O formato é o mesmo do prospecto distribuido e o papel é

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esculpando-se no acao.

PREÇOS MODICOS

Atenção! — Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepçoes para esta terra.

CAZA DO BARATEIRO

Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — *João Luiz Junior*, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

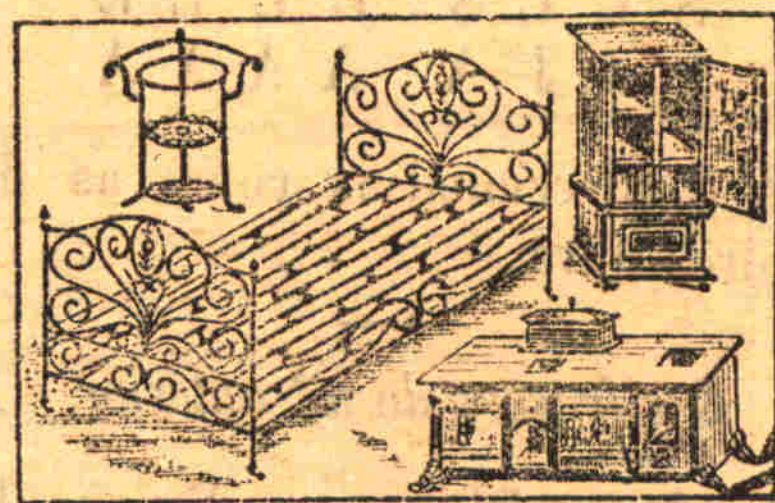
Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza). — Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella). — Colehoaria completa. — Lavatorios (com todos os seus pertences). — Cabides de madeira

— Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos. — Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques. — Grande sortido em armures (pretos e de côres). — Lenços de sêda e de lã. — Relogios de meza (alfiançados por um anno). — Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes. — Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA. = Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

de qualidade igualmente superior; o texto é em typo elzeviriano inteiramente novo e elegantissimo, e a impressão deveras aprimorada. Nas iniciaes de cada capitulo empregam-se letras caprichosamente ornamentadas que entram no numero das illustrações.

Apesar das enormes despesas de publicação tão monumental, o preço dos fasciculos é apenas de 300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagoso acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento *adecado* ás series de dois, tres ou mais fasciculos. As despesas da remessa são á custa d'*A Editora*, e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assignatura podem ser feitos a

A EDITORA

Administração em Lisboa — Largo Conde Barão, 50
 Filial no Porto, Lello & Irmão, Carmelitas, 144